

paulo roberto do carmo
BREVIÁRIO DA INSOLÊNCIA



BREVIÁRIO DA INSOLÊNCIA

© by Paulo Roberto do Carmo

Todos os direitos desta edição reservados

Massao Ohno Editor

R. da Consolação 3676, cep 01416

São Paulo, SP

Capa: Faces, óleo s/tela de Iberê Camargo, 1984

Ilustrações: Vera Rodrigues

Revisão: do autor

Fotolito: Laborgraf

Composição e impressão: Palas Athena

1990

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

PAULO ROBERTO DO CARMO

BREVIÁRIO DA INSOLÊNCIA

Posfácio de
CARLOS NEJAR

Massao Ohno Editor

Tornar-se humano é uma arte.

Novalis

Para Maria Rosa
Paulo Roberto e Moses



Sou tua Noite de sal
a causa, o perdimento
o sopro, o poema
o anjo sem medo
a palavra, o tormento
a sombra sem pejo
o bicho insepulto
tua consciência doendo.

Sem o homem
hiena de outro homem
não há homem.

Sem o tempo
bebendo nas bodegas
não há homem.

Sem a fome
roendo os calcanhares
não há homem.

Sem a culpa
ruminando as entranhas
não há homem.

Sem a paixão
gotejando dores
não há homem.

Sem o orgulho
escarnecendo da ferida
não há homem.

Sem o sangue
esguichando dos vergões
não há homem.

Sem o lucro
espostejando
não há homem.

Sem o homem
hiena de outro homem
haverá homem?

De tudo hei de pedir conta
do rumos no sextante
do medo nos desvãos
do tédio no horizonte.

De tudo hei de pedir conta
do orgulho, das culpas
da cal viva do desejo
dos óleos ferventes do ódio
do exílio no vazio
do fogo, da água
dos loucos, dos defuntos.

De tudo hei de pedir conta
limei a esperança
o sonho, os punhos.
Só das minhas palavras
não dou conta.

Se achas, alma minha,
que a fome dói
é a revolução que não tarda:
suas bocas de aurora
se forjam nas bigornas
a martelar
os sinos premonitórios

*

Para que a fome
não cobice os frutos
urge que teu vizinho
não acumule os frutos.

Os que padecem juntos
tornam-se irmãos: bois
que levam o mesmo jugo.

Finge ser o que não és
simula aquilo que não há –
revela teu lodo.

Diz não ser aquilo que és
dissimula o existente –
enterra o teu ouro.

Não há gozo maior
do que outro homem que sofre,
nem mais deseja o orgulho
que embriagar-se em dor alheia.

Ninguém é mais ameaça
do que o homem,
porque ergue na liberdade
a espada com que se fere.

Ninguém destrói mais o homem
do que ele mesmo
porque canta em pleno amor
o ódio com que se envenena.

*

Ninguém é mais inimigo ao homem
do que ele mesmo.
Forja na sua paz
a arma com que se mata.

Ninguém condena mais
do que o próprio homem.
A trama de sua justiça
é corda com que se enforca.

Guarda no poema a palavra,
ela é teu punho contra os insultos.
Não permitas que te calem.
De dia a fome não te queimará
as entranhas,
nem a humilhação, à noite.

O que está dentro de ti,
como pode sair pela boca?



Saber que a revolução de amor se sustenta
como a semente na terra se entranha.

Saber que a madrugada do levante
amanhece debaixo das varas do sol.

Saber que na luta o sonho range os dentes
e pula o grito nas pupilas do infante.

Saber que cada passo antecipa a paixão
subindo pela garganta, sangue fumegante.

Atiçaste o pavio da esperança?
O bem e o mal que dela advêm
têm um cheiro de libido orvalhada.

Nessa estranha sina de amar
hei de colher do sol os frutos proibidos
o orgulho sublevado, pão e alguma dor.

As mão que aponta o fuzil,
colhem rosas em abril.
A esquerda louva, a direita açoita.
Se decepar a mão que me fere,
a sua ferida aliviará a minha?
Se uma ceifa, outra semeia,
por que a mão, que colhe rosas
em abril, não municia o fuzil
com pólen de chumbo em grão?

Pois se o poema
com uma palavra beija
com outra esbofeteia
com uma estocada fere
com outra amanhece,
às vezes mata,
às vezes salva
com a direita esfolia
com a esquerda consola
por que não há de ser
o poema capa-e-espada?

A verdade não deixa de ser verdade
quando muitos a negam,
nem o logro de ser logro
mesmo que todos os proclamem.

O roubo não deixa de ser roubo
quando muitos a praticam,
nem o erro de ser erro
ainda que todos se enganem.

A violência não deixa de ser violência
quando muitos a sofrem,
nem a fome de ser fome
porque alguns se fartam.

Se a felicidade
tarda, e te cansas,
atiça
os animais do assombro.

Benfazejo pássaro,
ele virá
a quebrar cristais.

*

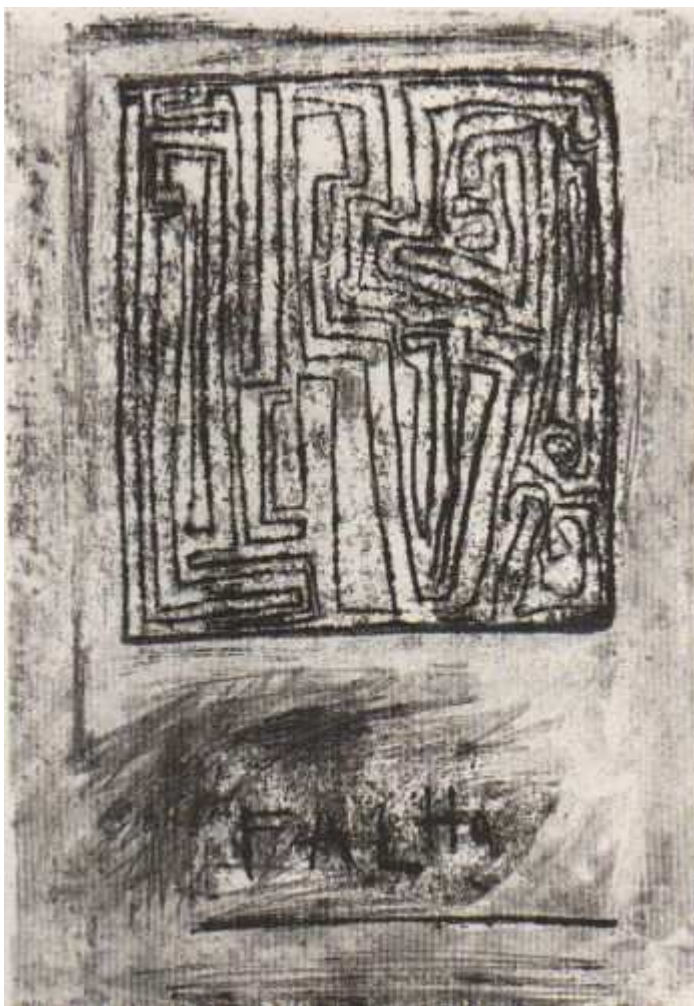
O anjo do bem no anjo
do mal se funde, o poema
na fome se confunde, o amor
no ódio se refunde

e da treva, uma rosa.

Vai-te embora angústia, tormento
dor propiciatória de culpas ao vento
inda não sou morto, só a vida importa
a vida convulsiva que grita, implora
e dança um tango antes do coito
deixa-a acordar, vil animal de amor
queimando no orgulho um sonho afoito
vai-te embora, privação, pavor danado
deixa a vida dar sangue aos humilhados!

Escuto a voz do sangue e canto
só tem sentido o que ainda resiste
a vida que se conquista
o pão, o suor do rosto
o orgulho que não perdoa.

Cem vezes me apresto ao poema
e trado e falho e ardo
e volto sempre à carga!



Poema
tecer e destecer
a dor terrena.
Vida esmagada em grãos
no pilão das palavras.

Se juntos varamos o coração da verdade
na mesma dor que um dia amanhece
e ainda profanamos a hierarquia das coisas
é porque estamos no começo da paixão
e do sangue que sobe pelos sentidos
enquanto a vida na vida se afoga.

Maldita hipocrisia:
revelas o ouro
e escondes o lodo.

*

Não há de fazer sem paixão,
nem paixão que se colha –
depois de sazoadada – senão
da árvore do sofrimento.

Dando de comer ao faminto,
tu o humilhas.

Se atiçares o seu orgulho,
tu o alimentas.

Consolando o enfermo,
tu o matas.

Se fundires sangue à sua alma,
tu o curas.

Começa a culpa
a perder o rabo e uiva.

Começa o orgulho
a quebrar o muro a prumo.

Começa o amor
a ousar nos levantes a dor.

Começa a vida
a sentir o que desejas ainda.

Começa a culpa
a perder o rabo e uiva.

Começa agora
a fazer o que deves.

Agora.

O poema
desprende-se de ti
e cai, sob a gula
dos pássaros de arribação.

*

Senhor,
que o poema
seja carne e murro,
faça-se o orgulho
dos desvalidos.

É tão danoso o falar
que a víbora maledicente
pede peçonha emprestada
ao áspide e fere de morte
o que cala.

Que palavra de rapina
ronda tua língua
apetecida?

E é tão perigoso o falar
quando um colóquio insano
rói o ódio silente
no medo medo
sublevado que cala

Como vencer
a prudência da serpente,
carneiro desgarrado
entre hienas?

*

Como há de encher o celeiro
de grãos para o inverno
quem se escondeu dentro dele
vazio de orgulho sobranceiro?

Como há de encher a cisterna
de água clara para o verão
quem se afogou dentro dela?

O poema lavando a palavra nua
de suas vergonhas e outras mágoas
sarcasmos, fomes e outros ópios
purga o sangue, purga o medo,
aguça a espada nos vergões dos ossos.
O poema jura por ti nos ordálios
do fogo, nos sacrifícios da água.
Sustento, ser, nome e advento
no poema está a tua aurora
e ainda respira, embriaguez sem culpa.

Para entrar na tua alma
é preciso
que a palavra padeça contigo
nos açoites do vento
e se exalte –
marujo atado ao leme –

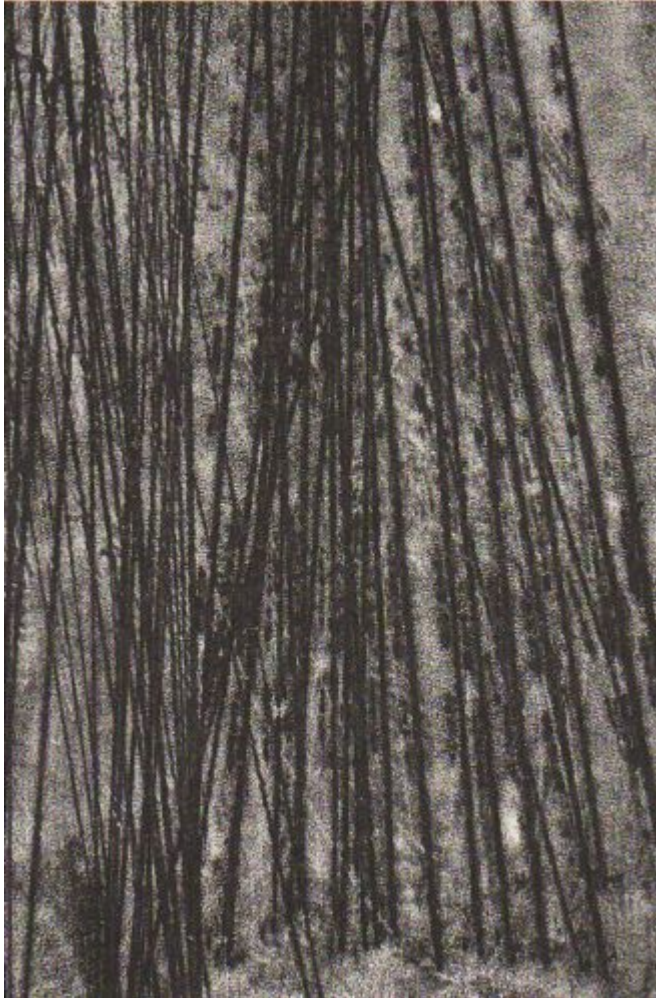
Não lamentes a noite, nem a vida
que podes perder: ela já é pouca;
e pensa, pensa nos anos maduros,
frutos comidos à mesa da paixão.

Se moderes a manhã
pelo avesso de tua máscara
surpreenderás o tédio
fornicando com a vaidade.

Se abrires, de par em par,
as portas do orgulho, verás
tua sombra envergonhada
fora dos prumos da gravidade
se escondendo no vão das coisas.

*

Se queres encarar a verdade,
morre antes do amor.
Se te apraz tanta dor,
engole a loucura
e canta tuas ausências
sem alarde.



De sol a sol me entregarei,
a fé inteira
na colheita das paixões
que se enterram nas palavras.

Soluça em mim o povo,
sou eu, não tenhas medo
animal sublevado
pelas pupilas da fome
e na boca do homem
tarda apalavra.

De poema em poema
vou soltando
a que há nas palavras.

O mesmo que viver
é ir voando.

Quem sou eu
a respeito do animal
que uiva em mim?
A palavra nasce,
a paixão cresce
e se esfarela.
É como se não fora,
porque eu quero.

Acabo de entrar
nesse poema.

Acorda liberdade
ainda que tarde
semente de sol
nos pedregais da servidão
nas bocas do estômago
nos becos da privação.

Liberdade antes da agonia
sangue na singradura
a altivez a paixão
aprestos nas armadas
a palavra a mordedura
fuzis sob as forragens.

Viver juntos
é cantar
um ao outro
o amor.

Viver juntos
é pousar
um no outro
a dor.

A humilhação coagulou
a seiva o amor o sonho
no mesmo desejo que sempre há
de ferir o insuportável.

*

Dias de ira, dias de argila
na cova das víboras
estende a mão e afaga
a face viva da palavra.

A vida
bebe a morte aos goles,
nos expulsa de casa.

*

Mesmo tapando a consciência
diante da miséria
minha alma ainda se ruboriza.

*

Poesia
arte que acorda
mão que toca
corda que soa
orgulho que sonha
fuzil que troa

Na hora indigente
onde a paixão
o anjo insolente
o orgulho
a palavra de ajuste?

Como há de vingar?
sob os esterco do ódio
a vida sequiosa, a febre
dorsal da altivez?

A vida
irriga-se de sol,
entra na alma
e confia.

*

Diante de mim a palavra
em seu ovo a serpente:
estou pronto para os açoites.

SALMO III

Senhor
se amanhã é outra a vida
por que me abandonas ainda
uivo entanguido no peito
entre o caramujo e a graça
de obscura ruela
em que o amor se esconde
baleado nas pernas
esbofeteando nas trevas?

Se a verdade
ácida nas lâminas
dura nas rocas
engolisse a esperança
(e o sonho dentro dela)
eu a amaria
dessa grada e fria?

Se a violência
não andasse nas pegadas
medindo a vida
em braçadas de medo
nem meus pesares nem
a nau enfaunada por Ti
me salvaria
nas Tuas águas afundar.

E quanto dói a palavra
nos alçapões da alma
eu que vivo suportando
a fome e o orgulho
de olhos vazados
só por Ti devo resistir
porque amanhã, amanhã...
Quanto dói o grito
que aperto no coração!

Senhor dos humilhados
só por Ti devo resistir
eu que sofro suportando
tanta injustiça doendo
não importa o jugo, a hora
cedo ou tarde a dor
há de estalar, estalar
a aurora, a revolução!



A injustiça de agora
me compensa da fome de ontem
e antecipa a dor vindoura.
Só o orgulho me ampara
(e o soco).
Não peço me tires o padecer,
senão que me enchas de ânimo
para o esmurrar.

Uma alavanca de dor
e eu moverei o destino.

*

Não há maior miséria
que o jugo à palavra alheia
nem mais perigoso o homem
que não tece a lã dos sonhos
nem ouve o pássaro da aurora
antecipar a liberdade possível.

Os que padecem
bebem o asco
como o deserto
bebe os ventos
caminham calados
cães e homens
sitiando a cidade
para os que sofrem
fabrico um poema
grosseiro
como uma pedrada.

De tanto me afligirem
os fantasmas das minhas dúvidas
apontando os meus erros
aprendi a comer os próprios dedos
alimentar-me das unhas
e doer-me de culpas.

Criador e criatura
habitamos a casa da palavra
providos de vinho e comida
erigimos o ser sobre a pedra,
movemos o destino
contra toda tirania!
Se nos roubam a palavra
e nos resignamos, calados,
da terra somos expulsos
só retorna o filho pródigo
à casa do Criador
quando acha a palavra
e planta no limo
o desejo a gula o haver
o vozerio o tempo a altivez.
Forçoso é guardar a palavra
não perder nunca o ser-dizente
dize-tu-digo-eu-dizemos-todos.
Criador e criatura,
habitamos a casa da palavra
contra toda a tirania!

Solto
nos pássaros irados
da linguagem
toda a insolência
de que sou feito.

Da disciplina do sangue
herdei a palavra
as desavenças
da disciplina da alma
habitei o deserto
as ventanias
da disciplina da insolência
sobressaltei os outros
o desprezo
da disciplina da humilhação
aprendi a desconformidade
as estranhezas
da disciplina dos loucos
contive o urro
os desejos
da disciplina dos touros
escarvei o chão
a desmedida.

FOME

Noite, amanhece em mim, noite,
e faz do sonho um dia afoito.

Fome, debanda de mi, fome,
e faz do homem um sonho louco

no golpear dos punhais, até o cabo,
no calar da agonia, dai-me sede

O doer animal, a ferida aberta
que nos encilha no lombo da treva

pela boca, pelos olhos, pela terra
sempre vens, noite, e me queima a fome

sempre vens, fome e me cega a noite
sem que eu te chame fera e coice

sombra, mendiga de mim, fome
anjo maldito de mim, noite

sempre vens depois do lucro
saindo do lixo de todas as coisas

das árvores, dos bichos, do vento
sempre vens, fome e sangue e noite

sem que eu te chame de mais-valia
por tudo, pelos famintos, pelos noctâmbulos

onde o logro é culpa só minha e sina
e máscara que me cala em qualquer ilha

não há mais tempo para me salvar nem
matar-me de faca e tiro eu ousaria

Não há lugar para a casa, as palavras –
cheias estão as bilhas de medo, e da carniça

do amor os abutres comeram a alma
pisotearam nos quintos o inferno

a alma que se ia plantar ao deus-dará
pela mão dos outros, pelo sonho dos outros

pela esperança dos outros engulimos
o desprezo até onde podemos suportar

pelos rios de sangue corre a aurora, e o medo
há de nos abrir os olhos sem ódio ao sol

a dor há-de nos purgar quanto mais resistirmos
e tece o orgulho a manhã em cada dia de fome.

e ousa, ousa quando a hora bater, mesmo antes,
por tudo, pela noite, pelo sangue, pela covardia

que a raiva dos deuses caia sobre todos
a vida é ninguém, ninguém – não sabe calar!

sombra mendiga de mim, noite
besta corcunda de crimes, fome

anjo caído dos pélagos, noite
touro escarvando o estômago, fome

e venta a dor até a hora chegar
morte-cachorra, morrer mais não podes

se não tu, fome, que há de acordar
a aldeia, mudar o rumo das estrelas?

quando os olhos insones da fome
olharem nos teus olhos de suas caras

rudes, quem, se não tu, haverá de dizer
que a vida transgredida ainda é possível

quando a hora chegar, e mesmo antes?
A vida é alguém, alguém, e não sabe calar!



Na partição dos pães
no hábito pouco das palavras
na memória carnal das ausências

no hálito empestado dos fantasmas
que mal espera assento à mesa
que dor surda espia das soleiras
senão a fome, fome agourada fome?

No mesmo modo de andar e vestir
e jejuar reconheces a costumeira vizinha
de todas as horas, e já não te comoves!

Ah que ferida funda
faz esta vida
quanto sangue
ainda verterá?
A paixões me fogem
como potras
até as palavras
se amotinam contra mim!

Sentir que tudo nos foge
sem haver o que nunca guardamos
e perder o que jamais possuímos
logo fugirá o desejo
morrerá o amor
depois soltaremos um gemido
e só restará o abismo de Deus.

Se queres esquecer
planta a memória
de cabeça para baixo
animais de rapina virão
roer suas partes indignas.

Se queres conhecer
as palavras
sofre com elas.
Depois de emprenhá-las
devora suas crias!

Sequioso
bebo as palavras
canto as pequenas coisas
que tem feito a minha alma.

Sonhar sempre diante do vento
ao leme batido
fingir-se um deus a si mesmo
no peito o poema sempre aceso
voz à vida sem voz, ainda que doa.

Se não sabes
para onde vais
nem o que esperas
jura na dor
abre teu coração
onde ele nunca se abriu
dá-lhe o revide
do animal ferido.

Se a primavera não vem
como te atreves assim viver
morrendo na cólera das horas
como te atreves assim esperar
se tão curta é a paixão?

De tanto buscar a palavra
os feitos
quebrou-me Deus os dentes
a mordedura
no garrote calou-me a boca
os ventos
vergou-me o medo a espada
a insolência
encheu-me de vergonha o desdém
os outros.

*

E é sempre
da mesma têmpera
o orgulho
da mesma crispação
o sangue
que colhemos suportando
na hora adversa
a beleza
endurecida da palavra
o mais íntimo dos frutos.

Vinde anjos
conjuram a paixão
emprenhá-la de palavras.
Vinde poetas
celebrar a terra
estrumá-la de fuzis
antes que as bocas se cale.

No infortúnio
na desesperança
na agulha da angústia
onde a maior graça
que a palavra?

Se estou ferido
e na palavra confio
até a dor
se dissolve devagar.

Não paro de lutar
no gume das paixões
até não poder sangrar mais
depois afio as baionetas
no esmeril das palavras.

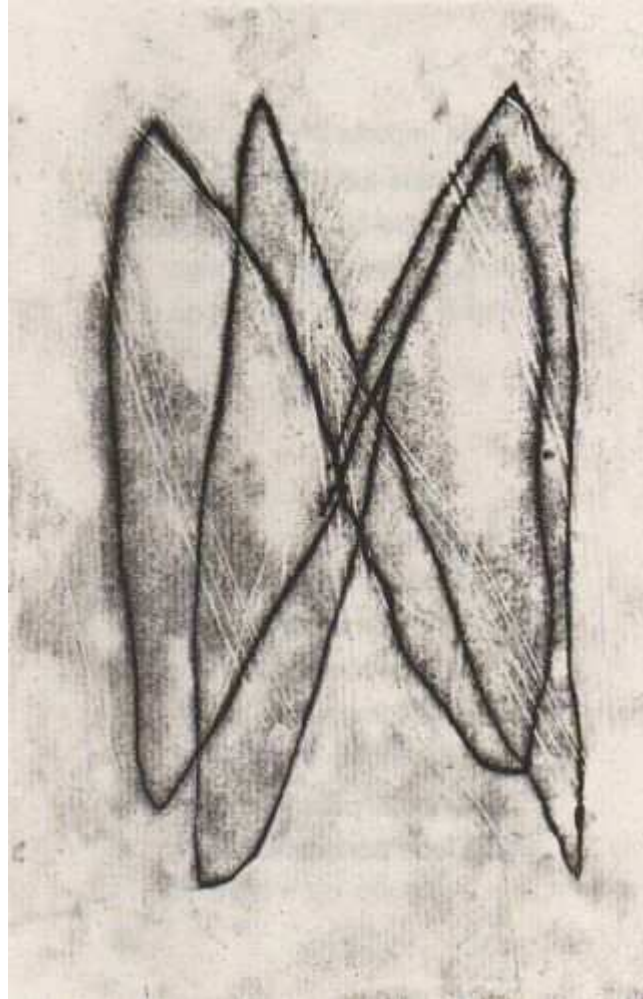
*

Com quem se há de falar
de basiliscos, hipogrifos
valquirias, minotauros
se as metáforas ferem
as palavras apunham
os amigos se matam
e, depois, cansado, deitar-se
menino e ser eterno?

Nada importa
ainda que tudo venha a arder
e eu tenha que pedir perdão
de porta em porta.

*

De ti já não espero
coisa que satisfaça.
Passa o homem e o mundo
e tudo que nele há
o cão, a fome, o orgulho.
Adeus,
palavra das palavras!
Que tudo pára no escuro.



PAULO ROBERTO DO CARMO E SEU MANUAL DE INSOLÊNCIA

Carlos Nejar

Hegel via a poesia épica como uma total permissão do mundo. E não "esta pronto", mas por fazer. E se está fazendo.

A poesia do gaúcho Paulo Roberto do Carmo tem essas características épicas, dentro da modernidade com que transita a consciência. Não foi em vão que Léa Masina constatou a fusão de violência, voz coletiva e erotismo na criação carmiana. Mas a violência - observamos - está no mundo, que a palavra chancela, desavinda.

Os núcleos com que se mune, na Estação de Força (1987), se constelam em rebeldia, motim, cavilação, conjuras, privação, forjadura, viseira, sublevação, batalha. Seus vocábulos são ferrenhos, como o fio da espada desembainhada. Livro de verbos em rotação, todo o texto ruma para a luta sem quartel em lugar nenhum. Ou em todos.

A parte mais alta, e o próprio "Manual de Sublevação", com provérbios, grafitos, cantares. E se verifica a tendência inata do poeta ao epigrama, ao dístico. "Se nada tens a dizer, / Conversa com a morte"²

Essa vocação sentencial de Paulo Roberto, "monge insone, embalando címbalos"², vem de sua paixão diante do irrevelado. E de uma outra: a de organizar a história.

"Sentir primeiro, pensar depois.
Perdoar primeiro, julgar depois.

Amar primeiro, educar depois,
Esquecer primeiro, aprender depois.

(...)

Navegar primeiro, aportar depois.
Viver primeiro, morrer depois.“²

II

A poesia de Paulo Roberto do Carmo, em Breviário da Insolência, perdeu os adornos, para se tornar mais intensa; despojou-se para achar a medida de exatidão e deserto. Adentrou-se, para adensar-se. Ficou substantiva para endurecer o pensamento na luz. E a luz na palavra sonhando. As coisas só podem ser ditas, como o foram pelo poeta, até o cerne.

De Crisbal, o Guerreiro (1966) para Estação de Força (1987), foi um processo de maturação e quietude. Vinte anos de silêncio os interneiam. E, agora, este volume editado pela Massao-Ohno e a simplicidade da pedra polida na funda de Davi, até o alvo.

Como Davi, o poeta não mais se ajusta a armadura e ao escudo. Joga-os fora. São demasiadamente pesados. Não se acoplam mais. Basta-lhe o cajado de peregrino e a funda esticada. Na perícia.

O que mais é necessário para a alteza da poesia, senão o lance no espaço?

Tudo se engatilha, até a dor. Tudo se armazena, até o sonho. O raio atravessa a palavra e esta, a inteligência das coisas.

Qual a técnica do vôo? E o vôo. A agudeza do arremesso. E a concretude é tanta, que explode o verso com as imagens.

A metáfora se torna a sua sombra. A coisa é a coisa. O animal não se apropria de outra densidade, senão a própria E o pensamento e o ataque límpido.

A imensidão entre as palavras.

O homem reinventa o reino. O ovo, a serpente. "A vida entra na alma/irriga-se de sol e confia."³

"A paixão cresce e se esfarela."³

Ou "começa a culpa a perder o rabo e uiva / começa agora a fazer o que deves. Agora"³

E este achado belíssimo:

"O mesmo que viver
é ir voando."³

Porque é fraterno, recolhe o grão, e "tem um cheiro de libido orvalhada".³ Humano, pretende as verdades vivas. Não as mortas nos compêndios. Com o "pousar um no outro a dor".³

Humilde, percebe que "nada importa/ ainda que tudo/ venha a arder e eu tenha/ que pedir perdão de porta em porta."³

III

O social, neste livro, se alia, eloqüente e agudo, ao mais primitivo, à fome. E se a poesia atinge ao político, não é para propaganda ou ideologia, mas para ver. César Vallejo, poeta peruano, e dos maiores deste continente, em *Literatura y Arte*, refere não ser esta um meio de propaganda política, "mas a mola suprema da criação política, já que os artistas criam os profundos e grandes aquedutos políticos".

Fome é o poema-chave, em tom de litania, associando-se, subterraneamente, pelo ritmo, ao Álvaro de Campos (de Pessoa), no Excerto de Odes, "Vem, Noite, antiqüíssima e idêntica/Noite Rainha nascida destronada,/Noite igual por dentro ao silêncio, Noite"... Mas há um jogo paródico e o atirar de dados imagéticos, a fricção de vocábulos, o renovar-se, em fole, fôlego, dentro da reiteração.

(...) "no golpear dos punhais, até o cabo/no calar da agonia, dai-me sede/o doer animal, a ferida aberta" (...) "e me cega a noite/sem que eu te chame fera e coice/sombra mendiga de mim, fome" (...) "não há mais tempo para me salvar nem/matar-me de faca e tiro eu ousaria" ³ (...)

Algo de irônico e grotesco (Swift e Rabelais). Até chegar, ao final, de vigor e astúcia. O golpe firme, dramático, inesperado. Este verso antológico:

"A vida é alguém, alguém, e não sabe calar!" ³

Paulo Roberto do Carmo suscita, dialogicamente, como pretendia Bakhtin, a imaginação do leitor. Bate, desperta.

E tem a capacidade verbal de “isolar e chamar atenção para o que já temos em nosso poder ”(R. P. Blacman). O que vislumbramos, antes. Na memória.

Criar é desarmar, armando. E alvejar, sem o rumor do acaso. Disparar o poema.

O verso, aliás, não deixa de ser verso - antes ou depois, a dois dedos da página ou quatro, dos ouvidos. O verso vai nas pernas da história.

(...) “deitar-se/menino e ser eterno ³?”

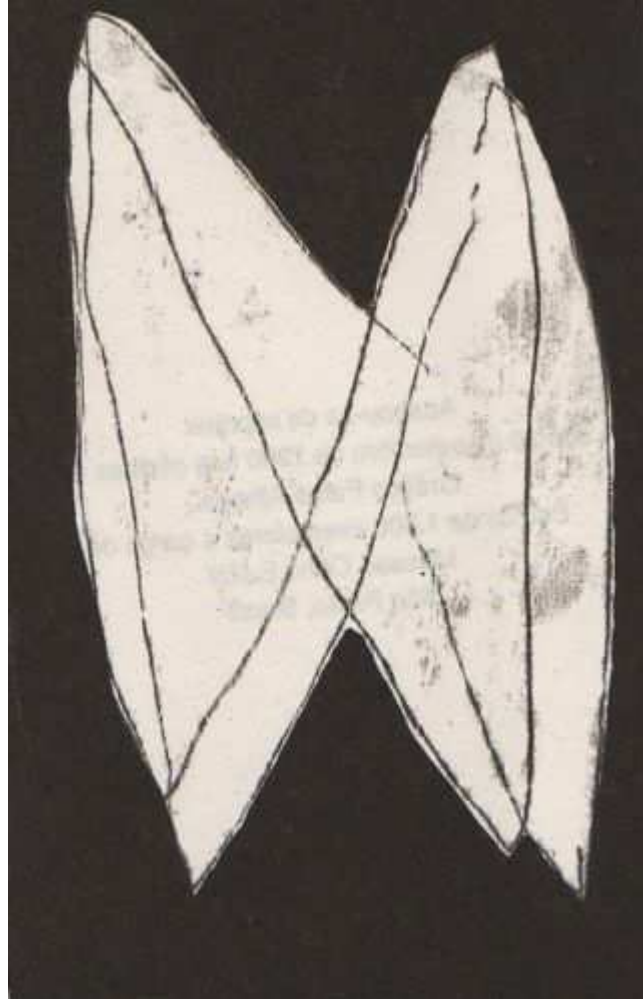
(...) Adeus,/palavra das palavras!/Que tudo pára no escuro ³.”

Eis a força, a fúria do que resiste. Pois, não há separação diante da poesia. E sobretudo esta - obstinada, crítica, consignadora, vergada de trabalhos, esperançosa, livre. E que nos reconcilia com o tempo.

1. CRISBAL, O GUERREIRO, Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, RS, 1966

2. ESTAÇÃO DE FORÇA, Ed. Movimento e Instituto Estadual do Livro, 1987 P. Alegre.

3. BREVIÁRIO DA INSOLÊNCIA, Massao Ohno Editor, São Paulo, 1990.





Massao Ohno Editor